

DESIGUALDADES EM ATIVIDADE FÍSICA: ANÁLISE INTERSECCIONAL DOS 18 AOS 22 ANOS NA COORTE DE NASCIMENTOS DE 1993 DE PELOTAS

GIULIA SALABERRY LEITE¹; BRUNA GONÇALVES CORDEIRO DA SILVA²;
HELEN DENISE GONÇALVES DA SILVA³; OTÁVIO AMARAL DE ANDRADE
LEÃO⁴; INÁCIO CROCHEMORE-SILVA⁵

¹Universidade Federal de Pelotas - giuliasalaberry@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - brugcs@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - hdgs.epi@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas - otavioaaleao@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas - inacio_cms@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A prática de atividade física (AF) é um fenômeno comportamental complexo e multidimensional, que está sujeito a mudanças ao longo da vida (PETTEE *et al.*, 2012). A AF desempenha um papel fundamental na promoção da saúde e no bem-estar das populações, sendo fortemente influenciada por fatores sociais, econômicos, culturais e ambientais. Pesquisas sobre desigualdades em saúde, adotando a perspectiva da interseccionalidade, têm documentado um efeito em que gênero, raça e nível econômico atuam multiplicativamente para gerar condições negativas relacionadas à saúde (TAYLOR; RICHARDS, 2019). Portanto, essas três dimensões interagem e se sobrepõem, criando complexidades na compreensão das desigualdades de AF ao longo do ciclo vital.

Nesse contexto, abordagens interseccionais, na área de epidemiologia da AF, embora ainda incipientes de acordo com MIELKE *et al.* (2022), são relevantes em um país como o Brasil, sexto país mais populoso do mundo e que tem enfrentado desafios significativos em termos de desigualdades sociais. Diante desse panorama, o objetivo desse estudo foi avaliar, com abordagem quantitativa em estudo epidemiológico, a interseccionalidade na AF de lazer aos 18 e 22 anos dos participantes da Coorte de Nascimentos de 1993 de Pelotas/RS.

2. METODOLOGIA

No ano de 1993 todos os nascidos vivos em hospitais de Pelotas/RS, cujas famílias residissem na zona urbana, foram convidados a participar de um estudo de coorte. Foram incluídos 5.249 participantes (99,7% do total de nascimentos da cidade). Os dados utilizados nesse estudo são referentes aos acompanhamentos dos 18 (n=4.106) e 22 anos (n=3.810). Detalhes sobre os acompanhamentos são encontrados em outras publicações (GONÇALVES *et al.*, 2014; GONÇALVES *et al.*, 2017).

Para mensuração da AF aos 18 anos, os participantes responderam a seção de lazer do Questionário Internacional de AF (IPAQ) (MATSUDO *et al.*, 2012) e aos 22 anos, o questionário foi baseado em uma lista de AF de lazer (FARIAS *et al.*, 2012), ambos abordaram frequência semanal e duração das práticas. As dimensões de desigualdades analisadas foram sexo (masculino/feminino), nível econômico (quintis de índice de bens), ambos coletados no acompanhamento perinatal, e cor da pele (brancos/pretos e pardos) coletada aos 15 anos.

Para análises de interseccionalidade, foi criado um índice Jeopardy (TAYLOR; RICHARDS, 2019), baseado em uma pontuação composta. O índice

atribui de forma arbitrária ao grupo mais privilegiado de todas as variáveis a pontuação zero, ao grupo menos privilegiado das variáveis categóricas dicotômicas a pontuação de um e, para a variável categórica politômica, a pontuação dos menos privilegiados variou de um a quatro. Assim, para cada variável foram dadas as seguintes pontuações: sexo (masculino=0; feminino=1); cor da pele (branco=0; pretos e pardos=1); renda (quintil superior=0; 4º quintil=1; 2º quintil=2; 3º quintil=3; quintil inferior=4). As pontuações de cada indicador foram somadas, resultando no índice de Jeopardy, que variou de 0 a 6. O grupo de menor escore (pontuação = 0) incluiu homens, brancos e do quintil superior de renda, enquanto o grupo mais alto (pontuação = 6) foi composto por mulheres, pretas ou pardas e pertencentes ao quintil inferior de renda. Análises descritivas foram realizadas considerando média e intervalos de confiança (IC) de 95%.

Todos os acompanhamentos foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas (números de registro: 05/2011 e 1.250.366).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os achados do presente estudo indicam redução nas magnitudes das médias de AF de lazer dos 18 anos (média de 123,1 min/semana) para os 22 anos (69,9 min/semana). O resultado corrobora com meta-análise recente (CORDER *et al.*, 2019). Entre os diferentes eventos que podem impactar essa diminuição de AF de lazer dos 18 aos 22 anos, destacam-se as mudanças decorrentes da fase de vida (ex.: residência, status de emprego, novos relacionamentos, ingresso na universidade, gestação, maternidade, paternidade) (CHONG *et al.*, 2019).

Observa-se a partir do índice de Jeopardy, que quanto maior o índice, menor a média de AF no lazer e maior a desigualdade entre os grupos, conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1. Média de atividade física no lazer de acordo com índice composto de interseccionalidade aos 18 e 22 anos na Coorte de Nascimentos de 1993, Pelotas, Rio Grande do Sul.

Questionário Atividade física de Lazer				
Índice de Jeopardy*	18 anos (n= 3.718)		22 anos (n= 3.368)	
	N (%)	Média (IC95%)	N (%)	Média (IC95%)
0 (menor risco)	281 (7.6)	232.9 (198.3-267.5)	251 (7.5)	115.6 (93.9-137.2)
1	615 (16.5)	151.6 (133.6-169.6)	573 (17.0)	85.8 (69.9-101.6)
2	673 (18.1)	118.6 (101.6-135.6)	599 (17.8)	65.1 (53.9-76.3)
3	741 (19.9)	108.1 (93.3-122.9)	669 (19.9)	69.8 (57.6-82.1)
4	726 (19.5)	116.1 (98.2-134.0)	656 (19.5)	69.6 (57.0-82.2)
5	508 (13.7)	86.3 (69.1-103.5)	452 (13.4)	48.1 (34.9-61.3)
6 (maior risco)	174 (4.7)	36.7 (18.3-55.1)	168 (4.9)	17.9 (9.1-26.7)

*Escore de sexo, cor da pele e nível econômico.

As diferenças na prática de AF no lazer no Brasil estão fortemente ligadas a fatores econômicos, acesso a recursos e expectativas de gênero, resultando em disparidades nos padrões de AF ao longo da vida (KNUTH *et al.*, 2017; NILSEN *et al.*, 2019). É importante ressaltar que os questionários utilizados nesse trabalho podem apresentar uma tendência a superestimar os níveis de AF de lazer.

Entretanto, ressalta-se a clara tendência de desigualdades observadas no domínio analisado aos 18 e 22 anos na Coorte de Nascimento de 1993 em Pelotas/RS.

Aos 18 anos, homens, brancos e de nível econômico mais alto, faziam cerca de seis vezes mais AF de lazer do que mulheres pretas/pardas e de nível econômico menor, conforme ilustrado na Figura 1. Ao longo do tempo, percebe-se uma redução de desigualdades entre o grupo mais privilegiado e o menos privilegiado. Entretanto, essa atenuação na desigualdade deve ser interpretada com cautela por formuladores de política, uma vez que o tempo em AF no lazer não aumentou no grupo de menos privilegiado e piorou no grupo mais privilegiado.

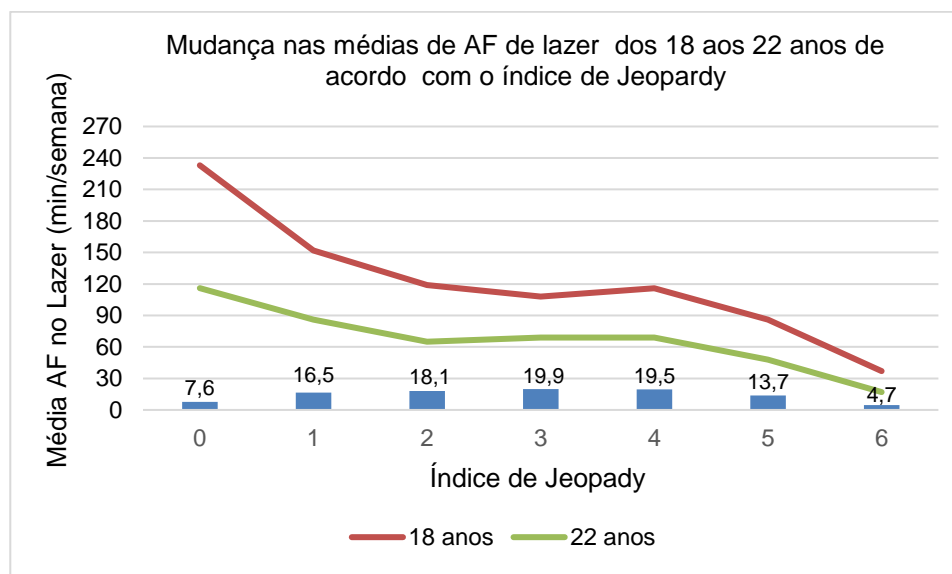


Figure 1. Mudança nas médias de AF de lazer dos 18 aos 22 anos de acordo com o índice de Jeopardy.

Tais descobertas baseadas na intersecção de características como sexo, cor da pele e nível econômico apresentam um efeito cumulativo para determinar a AF no tempo de lazer mostram que ela é provavelmente mais um privilégio dos homens, brancos e de nível econômico mais alto, corroborando com os resultados encontrados nos estudos de KNUTH; ANTUNES (2021) e MIELKE *et al.* (2022). Esse privilégio social pode ser atribuído à disponibilidade e ao maior acesso a instalações privadas de AF de lazer, acesso a áreas verdes, flexibilidade nos regimes de trabalho, normas sociais, fatores psicossociais e ausência de AF em outros domínios da AF, como trabalho, atividades domésticas e deslocamento em comparação aos grupos menos privilegiados (STRAIN *et al.*, 2020).

4. CONCLUSÕES

As interseções de sexo, cor da pele e nível econômico influenciaram fortemente a AF de lazer aos 18 e 22 anos na Coorte de Nascimentos de 1993 de Pelotas/RS. É fundamental considerar essas complexidades como desigualdades sistêmicas e interligadas nas formulações de intervenções de saúde destinadas ao planejamento de estratégias de promoção de AF, possibilitando o acesso dos grupos mais vulneráveis a partir de ações de redução das desigualdades em saúde.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHONG, KH. *et al.* Changes in physical activity, sedentary behaviour and sleep across the transition from primary to secondary school: A systematic review. **J Sci Med Sport**. 2019.

FARIAS, C. *et al.* Validade e reprodutibilidade de um questionário para medida de atividade física em adolescentes: uma adaptação do Self-Administered Physical Activity Checklist. 2012. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, 15(1), 198–210.

GONÇALVES, BH. *et al.* Cohort profile update: The 1993 Pelotas (Brazil) birth cohort follow-up visits in adolescence. **International journal of epidemiology**. 2014.

GONÇALVES, BH. *et al.* Cohort Profile Update: The 1993 Pelotas (Brazil) Birth Cohort follow-up at 22 years. **Int J Epidemiol**. 2017.

KNUTH, AG. *et al.* Objectively measured physical activity in children is influenced by social indicators rather than biological life course factors: Evidence from a Brazilian cohort. **Preventive medicine**, v. 97, p. 40-44, abr. 2017.

KNUTH, AG; ANTUNES PC. Bodily practices/physical activities considered as privilege and not a choice: analysis in the light of Brazilian inequalities. **Saúde Soc**. 2021.

MATSUDO, S. *et al.* QUESTIONÁRIO INTERNACIONAL DE ATIVIDADE FÍSICA (IPAQ): ESTUDO DE VALIDADE E REPRODUTIBILIDADE NO BRASIL. **Rev. Bras. Ativ. Fís. Saúde**. 15º de outubro de 2012.

MIELKE, GI. *et al.* All are equal, but some are more equal than others: social determinants of leisure time physical activity through the lens of intersectionality. **BMC Public Health** 22, 36 (2022).

NILSEN, AKO. *et al.* Physical activity among Norwegian preschoolers varies by sex, age, and season. **Journal of Medicine & Science in Sports**, v. 29, p. 862–873, 11 fev. 2019.

PETTEE, GKK. *et al.* Enquadramento da atividade física como comportamento complexo e multidimensional. **J Phys Act Health**. 2012; 9 (Supl 1): S11–S8

STRAIN, T. *et al.* “Levels of domain-specific physical activity at work, in the household, for travel and for leisure among adults from 104 countries.” **British journal of sports medicine**. vol. 54,24, 2020.

TAYLOR, D; RICHARDS, D. Triple jeopardy: complexities of racism, sexism, and ageism on the experiences of mental health stigma among young Canadian black women of Caribbean descent. **Front Sociol**. 2019.